
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Revista Cocar V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019 p.903-923

ISSN: 2237-0315

Casa de sementes Pai Xigano: um olhar para os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE

Seed house Xigano Father: a look at the ancient knowledge of the crop seeds in quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE

Fernanda Ielpo da Cunha
Ana Maria Eugênio da Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará – UFC
Redenção e Fortaleza-Ceará-Brasil

Resumo

As populações tradicionais são as grandes responsáveis por preservar técnicas e meios de cultivo, como as sementes crioulas. Os cultivos com sementes crioulas contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, além da preservação da memória e identidade cultural. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo fazer uma análise dos conhecimentos repassados pelos ancestrais quilombolas no cultivo de sementes e sua relação com a formação da identidade quilombola, atrelados à compreensão do território e do meio ambiente no quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará. Para tal, a presente pesquisa resulta de uma reflexão preliminar teórica, utilizando-se da pesquisa qualitativa, observação participante e revisão da literatura. O estudo em questão deixa reflexões bastante significativas, expondo que o cultivo de sementes crioulas estabelece um elo em manter viva a tradição e a própria memória dos ancestrais quilombolas, contribuindo para a preservação ambiental e sustentabilidade.

Palavras-chave: Ancestralidade. Quilombo. Sementes crioulas.

Abstract

Traditional populations are largely responsible for preserving techniques and means of cultivation, such as creole seeds. Crops with native seeds contribute to the development of sustainable agriculture, as well as the preservation of memory and cultural identity. In this way, the present article aims to make an analysis of the knowledge passed on by the quilombola ancestors in the cultivation of seeds and its relation with the formation of the quilombola identity, linked to the understanding of the territory and the environment in the quilombo Sítio Veiga, in Quixadá, Ceará. For this, the present research results from a preliminary theoretical reflection, using qualitative research, participant observation and literature review. The study in question leaves quite significant reflections, stating that the cultivation of creole seeds establishes a link in keeping alive the tradition and the own memory of the quilombola ancestors, contributing to environmental preservation and sustainability.

Keywords: Ancestry. Quilombo. Creole seeds.

Introdução

A comunidade remanescente quilombola do Sítio Veiga é uma comunidade tradicional, negra e rural, localizada no distrito de Dom Maurício, também conhecida como Serra do Estevão, no município de Quixadá, Ceará (CE), onde residem 39 famílias. A relação entre os conhecimentos ancestrais e o cultivo de sementes crioulas se destaca nessa comunidade pela forte tradição cultural, atrelada à manutenção da memória e ensinamentos de seus ancestrais, do amor à terra, da luta pela demarcação e da posse dos seus territórios.

Em 2010, a comunidade iniciou a construção de uma casa de sementes, conhecida carinhosamente como Casa de Semente Pai Xigano, nome escolhido pelos moradores em memória de seu fundador. A casa recebe estoques coletivos mantidos por doações do Centro de Pesquisa e Assessoria Esplar¹, por meio do projeto Sementes do Semiárido. A comunidade, a partir desse projeto, pode identificar suas sementes tradicionais, dando um significado ao resgate de suas memórias, destacando-se: os feijões pingo de ouro e roxo e o milho ibra, algumas das espécies cultivadas no Sítio Veiga desde sua origem, as quais agora ficam guardadas na Casa Pai Xigano, cultivadas e repassadas às gerações seguintes como forma de perpetuar a tradição.

Logo, a análise histórico-cultural que foi capaz de produzir este trabalho revela que os conhecimentos ancestrais no cultivo de sementes crioulas têm uma preocupação em manter vivas a tradição e a própria memória de seus ancestrais, repercutindo em uma alimentação mais saudável e livre de venenos, contribuindo para a agrossociobiodiversidade e para a preservação da vida no planeta, especialmente das próximas gerações, bem como dos conhecimentos que poderão ser herdados por esses atores sociais, tornando-se, assim, os seus guardiões. “[...] Os guardiões são um dos principais atores na funcionalidade da agrossociobiodiversidade, principalmente nesse período de mudanças climáticas acentuadas pelo qual estamos passando” (BEVILAQUA et al., 2014, p. 102).

No movimento oposto, estão a agricultura moderna e as multinacionais, que representam uma ameaça aos conhecimentos ancestrais e às práticas naturais das sementes crioulas desenvolvidas. Aqui, o modelo apresentado visa ao patenteamento dessas espécies e/ou sua substituição pelas geneticamente transformadas, tais como as

transgênicas e as híbridas, objetivando o aumento da produtividade em larga escala com vistas ao lucro exacerbado, o que traria como consequências: o comprometimento nutricional das pessoas e dos animais, a perda das sementes crioulas e sucessivamente a aniquilação do legado histórico e cultural que essas sementes representam.

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise dos conhecimentos repassados pelos ancestrais quilombolas no cultivo de sementes e sua relação com a formação da identidade quilombola, atrelados à compreensão do território e do meio ambiente na comunidade quilombola Sítio Veiga, em Quixadá-CE. Segue em caráter qualitativo, a qual, segundo Minayo (2002, p. 21-22), é uma pesquisa que “[...] trabalha com dados que não podem ou não têm como serem medidos, como, por exemplo: crenças, valores, atitudes e situações”. A referida autora enfatiza que esse tipo de abordagem é utilizada quando se busca compreender um determinado fenômeno na perspectiva dos indivíduos que o vivenciam. O estudo recorreu ainda à modalidade de revisão de literatura com análise bibliográfica e observação participante em *lócus*.

Em se tratando da observação participante, a escolha ocorreu dado o universo de aproximação e conhecimento do quilombo em questão pelos pesquisadores, o que facilitou o contato ora estabelecido com estes sujeitos sociais e do levantamento dos dados coletados, a qual encontra-se em fase preliminar. Assim, como pela necessidade dos pesquisadores não serem meros observadores (as), mas de querer interagir com estes sujeitos sociais e com a cultura local, participando de suas vivências e experiência ativamente.

Assim, os caminhos propostos na observação participante seguem um roteiro previamente elaborado, todavia aberto, podendo ser readaptado de acordo com a dinâmica da realidade em *lócus* e com um maior envolvimento dos pesquisadores com as atividades do cultivo de sementes crioulas compartilhadas e vivenciadas, tais como as ações inerentes ao plantio e colheita das referidas sementes: os rituais e festas celebradas em torno desse cultivo, a participação das reuniões de representação da associação comunitária em torno da organização social e econômica dessa atividade dentro do quilombo, visitas domiciliares afim de conhecer melhor alguns aspectos individuais e dinâmica familiar dos sujeitos pesquisados e da reminiscência de suas memórias em torno dos conhecimentos recebidos por seus ancestrais, bem como o

envolvimento em feiras e intercâmbios promovidos e articulados pelo quilombo e outras entidades em prol das trocas de experiências sobre as sementes crioulas. As coletas dessas informações estão registradas em diário de campo, áudio e gravação devidamente autorizados pelos participantes da pesquisa e de acordo com os preceitos que seguirá a Resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012), que trata e regulamenta as diretrizes e normas que envolvem pesquisa com seres humanos. Contendo ainda um termo de consentimento livre e esclarecido escrito e assinado pelos participantes que permitirão ser observados e que voluntariamente farão parte da pesquisa.

Nesse sentido, a fim de ampliar as discussões acima suscitadas, elegeram-se as categorias: ancestralidade e sementes crioulas, atreladas à de territorialidade, cuja compreensão é de fundamental importância para desconstruir as ideias negativas em torno das tradições quilombolas e dos ensinamentos recebidos por seus ancestrais.

A construção dos conceitos sobre a relevância dos conhecimentos ancestrais está presente na história da África desde tempos longínquos, fazendo parte da própria constituição do homem africano, sendo compartilhada oralmente de uma geração a outra e influenciando suas diásporas no mundo. Logo, é conhecimento sagrado, respeitado, cultuado e celebrado nos diversos rituais de passagem.

Assim, segue a relevância do conceito sobre sementes crioulas nas comunidades tradicionais, um ensinamento perpetuado entre gerações, mantendo viva a memória de seus antepassados e do amor à terra, ao território, ao meio ambiente e às formas de ritualização, cujas sementes crioulas tocam na sensibilidade de celebrar e de festejar a colheita, relembando nesses momentos a memória, a saudade e a reminiscência dos ancestrais. Uma semente natural, nativa, que germinará, mas nunca perecerá, ficando retida e guardada na lembrança de seus guardiões que estão vivos e daqueles que no futuro darão continuidade à tradição. “Os guardiões desenvolvem técnicas empíricas de cunho sociocultural para resgate, manutenção e dispersão dos materiais crioulos, cujas práticas são passadas de geração em geração” (BEVILAQUA *et al.*, 2014, p. 102).

No tocante à categoria quilombo, esse conceito é permeado por incompreensão por parte da sociedade brasileira, cercado de mitos e de tabus, levando a uma compreensão superficial dos processos sócio-históricos que situam os quilombos.

Sobre as reflexões acima suscitadas, os quilombolas são vistos, em um primeiro momento, como selvagens, alheios à vida urbana e habitantes das florestas, sem uma vida social. Essa ideia formulada nos livros precisa ser revista, reeditada. A imagem do mero negro “fugitivo” descontextualiza todas as formas de sofrimento e violência vivenciadas por esses indivíduos durante a escravidão, tais como a usurpação de suas forças de trabalho e as longas horas de trabalho não remunerado, deixando nesse legado histórico uma grande dívida econômica e social até hoje sonogada, tirando-lhes oportunidade de direitos, como a demarcação dos seus territórios quilombolas e sua legitimidade.

Diante do exposto, os conceitos norteadores apresentados serão ampliados nos tópicos que se seguem, cujos conhecimentos ancestrais direcionam todas as categorias que serão abordadas, na relação que une a identidade quilombola e sua origem ancestral, ligada à terra, ao território, à natureza e sucessivamente ao cultivo de sementes crioulas.

Os conhecimentos ancestrais e a sua relação com a natureza

Entender os conhecimentos repassados pelos ancestrais é ir ao encontro da história, visto que é no passado que se pode compreender as lacunas do presente. Assim, é preciso legitimar o conhecimento científico africano a partir de suas oralidades, histórias, lutas, resistências e culturas retidas nas teias e nas memórias de seus ancestrais.

[...] um velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a ‘ciência das terras’ (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a ‘ciência das águas’, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática (HAMPÂTÉ, 2010, p. 167).

Logo, é na tradição oral que os conhecimentos dos ancestrais são repassados de uma geração à outra, garantindo o testemunho verbal da palavra transmitida e sua preservação. “[...] Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, isto é, a tradição oral” (VANSINA, 2010, p. 140).

É nessa relação baseada na tradição oral que se encontra a fundamentação das relações sociais e o processo de institucionalização social, que traz consigo uma

identidade própria, cuja representação coletiva encontra-se amparada na transmissão dos conhecimentos orais transmitidos.

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários *status* sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição (VANSINA, 2010, p. 146).

Consoante Domingos (2011), o passado do homem africano se revela no presente vivido, na memória e no ensinamento de seus ancestrais. Esses seres humanos preciosos são a biblioteca do tempo passado, trazendo para o tempo presente a sabedoria, a autoridade aos que vão envelhecendo, passando de uma geração à outra os ensinamentos dos que já se foram, mas que se mantêm vivos na memória. Logo, os ciclos da vida e seus rituais são revelados e socializados pelo passado no presente, tais como o nascimento, o casamento, a morte, etc., mas também os festejos, celebrando e renovando a vida, o plantio, a colheita, a caça, etc.

O Ancestral fundador de uma comunidade, aldeia, é considerado como aquele que estabeleceu a primeira aliança com as entidades divinas e tutelares da Terra. Esse Antepassado nascido da Terra pela mitologia é considerado o seu fundador. Ele transmite sua função de uma maneira hereditária aos possíveis ‘chefes da terra’ que usufruem de certos poderes sobre os outros homens em função da autoridade que detêm sobre o solo. [...] (DOMINGOS, 2011, p. 9).

Assim, a relação natureza e homem se completa na cosmovisão africana, ou seja, existe uma ontologia antropocêntrica, que é a unidade de interligação e complementariedade entre todas as coisas. Uma vez existindo qualquer ruptura ou destruição nessa relação, o homem estaria fadado ao desequilíbrio e à própria destruição, uma vez que perderia as energias do Universo e de Deus como o seu criador.

*Bazimus*ⁱⁱ, os espíritos, explicam o destino do homem; o homem é o centro dessa ontologia; animais, vegetais e fenômenos naturais e objetos sem a vida biológica constituem o meio ambiente onde o homem vive, se aprovisiona, extrai os meios de existência e, se for necessário, o homem estabelece relações místicas com ele. Esta ontologia antropocêntrica é uma unidade completa. É uma relação de solidariedade na qual não pode haver ruptura ou destruição. E se acontecer o contrário, causa desequilíbrio do próprio homem, da natureza, enfim, de todo o Universo. Destruir ou remover uma destas categorias é destruir toda a existência incluindo a destruição do Criador. A soma desses elementos constitui uma força, poder, energia que penetra em todo o Universo. É Deus a Fonte Controladora desta força, mas os espíritos têm acesso a uma parte dela (DOMINGOS, 2011, p. 4).

Ou ainda levaria à não evolução do seu *munthu*ⁱⁱⁱ, como afirma o referido autor: “A desintegração, a separação com a Natureza constituiu para o homem africano o obstáculo do desenvolvimento integral do *munthu*, Ser Humano” (DOMINGOS, 2011, p. 3).

Observa-se também que a relação com a natureza é canalizada por um respeito profundo. Nessa relação o homem não é um ser abstrato e separado da natureza. Os animais também são espíritos, os quais transmitem conhecimentos, sensibilidade.

Nessa percepção, a vegetação seria a árvore da vida, com poder de proteção e fecundidade, local de realização de muitos rituais de passagem e iniciação; um local sagrado em que as mulheres encontrariam a possibilidade da fertilidade e sucessivamente da continuidade da vida; um local cujo território liga as mulheres às ervas e às plantas; um local que proporciona aos homens um contato maior com os minerais, as pedras, os grãos, as sementes crioulas e as forças potentes extraídas.

Já a mãe terra assume a dimensão da própria fonte de subsistência da vida, de valores, de rituais, de iniciação, de conhecimento e de sabedoria, de criação, onde tudo se une e se funde na natureza. Seria a relação de pertencimento do homem à terra, à religião, aos espíritos, a todos os deuses; a força transcendental e cosmológica se comunicando com a terra viva, da terra como mãe, da terra como vida.

Sobre esses aspectos, não se pode negar que foi exatamente dos países africanos e das suas diásporas no mundo que recebemos influências, por meio de seus conhecimentos e expressões culturais, os quais permitem, em um primeiro momento, romper com os equívocos da ciência ocidental, que não narrou em sua integridade e fidelidade a verdadeira história e cultura desse povo, a qual hoje não representa em sua legitimidade esse legado sociocultural e histórico (DOMINGOS, 2017).

Dito isso, não é à toa que até hoje é possível deparar-se com a desvalorização e o desrespeito dos povos africanos e afrodescendentes, em que sua cultura, ancestralidade e história são carregadas de juízos de valor que tendem a menosprezá-los, diminuí-los e inferiorizá-los.

As ideias de inferiorização dos saberes ancestrais acima explicitadas traz à tona os estudos de Santos (2007) que chama atenção para o pensamento epistemológico moderno ocidental sendo este norteado por um pensamento abissal de dominação impostas no processo de colonização, desconsiderando os outros saberes, estabelecendo juízos de valores por tudo aquilo que não fosse ocidental sendo este considerando selvagem, primitivo, atrasado, gerando assim o que o autor considera como epistemicídio. Criando a partir dessa percepção linhas divisórias no mundo (Norte e Sul), cuja a hierarquia imposta fragmentou as relações sociais e culturais de maneira muito desigual aos países do sul que foram colonizados negando seus saberes e sucessivamente suprimindo suas bases epistemológicas peculiares.

Por conseguinte, Santos (2007) enfatiza que por trás dessas linhas divisórias no campo do conhecimento o que existiu foi uma negação dos conhecimentos daqueles povos que não se encaixam com o modelo único do pensamento ocidental abissal, tais como os conhecimentos populares, leigos, plebeus, indígenas e seus conjuntos de crenças, opiniões, magias, idolatrias, entendimentos intuitivos ou subjetivos que são alvos muitas vezes alvos do preconceito, discriminação por não obedecer os critérios rígidos da ordem científica instituída, cuja violência implícita visa não só a destruição física desses sujeitos sociais, mas também da dimensão material, cultural e humana somadas a apropriação de seus saberes.

A apropriação e a violência assumem formas diferentes nas linhas abissais jurídica e epistemológica, mas em geral a apropriação envolve incorporação, cooptação e assimilação, enquanto a violência implica destruição física, material, cultural e humana. Na prática, é profunda a ligação entre a apropriação e a violência. No domínio do conhecimento, a apropriação vai desde o uso de habitantes locais como guias e de mitos e cerimônias locais como instrumentos de conversão até a pilhagem de conhecimentos indígenas sobre a biodiversidade, ao passo que a violência é exercida mediante a proibição do uso das línguas próprias em espaços públicos, a adoção forçada de nomes cristãos, a conversão e a destruição de símbolos e lugares de culto e a prática de todo tipo de discriminação cultural e racial (SANTOS, 2007, p. 75).

E por fim, o autor traça alguns caminhos para romper o conhecimento abissal único, propondo um pensamento pós-abissal com base na ecologia de saberes capaz de romper com as estruturas dominantes do saber ocidental, respeitando as diversidades do mundo e as multiplicidades de conhecimentos, dialogando com as diferenças, pois o conhecimento nessa nova proposta é interconhecimento, ou seja, o

interagir com as peculiaridades e pluralidade de cada cultura estabelecendo trocas de saberes e conhecimentos sem esquecer seus próprios conhecimentos, tais como os conhecimentos das comunidades tradicionais quilombolas e o cultivo de sementes crioulas que também permite a troca de intersubjetividades e epistemológicas com as outras culturas e suas peculiaridades.

Nos aspectos mencionados, destaca-se a relevante importância das sementes crioulas em deixar viva a memória dos seus ancestrais, especificamente das comunidades de matriz africana e de remanescentes tradicionais quilombolas. Estabelece, portanto, um paralelo entre os saberes tradicionais e a utilização dos cultivos de sementes crioulas repassados entre gerações.

No Quilombo Sítio Veiga, o próprio nome da Casa de Sementes Pai Xigano remete à memória, à sua ancestralidade, visto que Pai Xigano foi a primeira semente crioula a fecundar o então quilombo, juntamente com sua esposa, Maria Fernandes, também conhecida como “Mãe Veia”, e seus filhos. Essas sementes representam ainda o patrimônio da humanidade, cujos laços de pertencimento de um povo se firmam na identidade cultural, celebrados, compartilhados e socializados em suas inúmeras expressões socioculturais e nos rituais de passagens.

Mesmo que cada família, comunidade e povo tenham determinados recursos e sementes que são parte da sua cultura e identidade, o intercâmbio tem sido um elemento sempre presente, ao qual se tem dado não só conteúdos práticos e materiais, mas também sociais, religiosos, culturais. Por exemplo, em muitas culturas indígenas, o dote de casamento é a entrega de sementes de uma família para a outra; é muito comum que os camponeses partilhem as suas sementes como presentes aos outros etc. (RIBEIRO, 2003, p. 54).

Assim, o manejo de sementes crioulas faz parte da sabedoria da herança ancestral, que pode ser contada desde o início da história da agricultura, sendo as comunidades tradicionais os grandes guardiões desse patrimônio cultural, cujos ensinamentos transpõem meramente a preservação de suas memórias, uma vez que chamam a atenção pela preservação da própria vida no planeta e das próximas gerações, em que a preservação do patrimônio genético dessas sementes garantirá a biodiversidade existente na Terra.

As sementes crioulas estão presentes em diversos rituais de passagem dos povos tradicionais, celebrados em rituais como as festas de colheitas, presentes no cotidiano dessas famílias, firmando laços de afetividades e solidariedades, assim

como nos espaços de produção e de troca das sementes, a exemplo das feiras livres e dos intercâmbios entre as comunidades quilombolas. Nesses momentos são vivenciadas as lembranças dos ensinamentos de seus ancestrais, em que a oralidade permite socializar suas lembranças e conhecimentos, bem como resgatar algumas espécies perdidas, podendo estas ser trocadas entre regiões e até países, levando-os a se unirem em prol do resgate e da preservação da espécie, reconhecendo as culturas locais, suas histórias e saberes.

As sementes crioulas têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente pelas famílias camponesas e povos indígenas em todo o mundo. As sementes têm garantido ao campesinato e a toda a humanidade a diversidade étnico-ambiental que herdamos. E servem como alimento para o corpo e para as emoções. Elas medeiam crenças nas relações místicas com o sagrado, unem os diferentes quando se fazem alimentos no cotidiano da vida social, insinuam a partilha pelo seu significado de alimento potencial que pode ser repartido entre os que necessitam plantar e deixam-se latentes para despertar como a genealogia de um insuspeitado vir-a-ser, de uma nova ou renovada relação dos homens com a natureza (ALVES; MARQUES; MENDONÇA, 2013, p. 3).

Assim sendo, fica a relevância dos saberes ancestrais no cultivo de sementes crioulas na comunidade quilombola, uma técnica milenar capaz de preservar a identidade sociocultural de um povo, ao mesmo tempo que preserva o meio ambiente e a vida, estabelecendo uma conexão de harmonia, de respeito e de equilíbrio entre o homem e a natureza.

O território quilombola e o cultivo de sementes crioulas

Falar do quilombo na sociedade brasileira é algo que tem grande relevância, pois esse povo estabelece a conexão entre a história da África e o legado de seus ensinamentos aos afrodescendentes. Diante disso, faz-se necessário ampliar o entendimento do que seja o quilombo e sua referência nos processos históricos, haja vista que a identidade quilombola é transmitida de maneira confusa na sociedade brasileira, e até hoje as pessoas só veem os membros dessas comunidades à margem da escravidão, como se não fizessem parte da sociedade, aprisionando-lhes a esse passado. A não compreensão dessa história fragiliza, muitas vezes, a luta desse povo, já que suas reivindicações não são prioridades na agenda do governo e das políticas públicas; quando há alguma iniciativa, ocorre de forma pontual e/ou fragmentada.

Visto sobre estes aspectos, a não compreensão do que seja quilombo só vem, na verdade máscara o que está por traz da história da África e de seus descendentes

quilombolas escravizados, cuja não revelação dessa história configura uma forma das elites manter os seus interesses de dominação e poder, já esta seria a condição necessária de não ascensão e superações por partes dos afrodescendentes da condição subumana e desigual que tanto marcou sua trajetória nos espaços por onde ocupou e que até hoje se mantém indiferente dentro dos projetos de reorganizações fundiárias (LEITE, 1999).

[...], quando da Abolição da Escravatura, perdemos a chance de construir uma nação menos desigual e mais diversa. As elites políticas não estavam dispostas a superar o racismo e incluir os africanos e seus descendentes na nacionalidade brasileira recém-criada. Em 1988, um século depois, outra chance se apresenta, também trazida pela evidente constatação da exclusão social dos negros, e ao que tudo indica, também ela já se desmancha, através das mesmas artimanhas utilizadas no século anterior: a folclorização. Ou seja: estereotípias, desqualificação e exotismo como uma eficiente manobra, capaz de tirar de cena, de fazer desaparecer os sujeitos históricos de carne e osso, enquanto pleiteantes de um direito que então vem sendo negado (LEITE, 1999, p. 126).

Desse modo, compreender a origem da história do quilombo tem sua relevância, pois seu significado estabelece relações de uma identidade construída historicamente pelos povos africanos que deixaram o seu legado e ensinamentos para seus descendentes no mundo. Uma história marcada não só pela luta, mas também pelo amor à terra e respeito aos ensinamentos dos seus ancestrais, dos rituais de passagem perpetuados nas reminiscências de suas memórias.

A palavra Quilombo (kilombo) tem suas origens nos povos de línguas bantu, especificamente dos grupos Luanda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangola, dentre outros, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. Esse termo envolve diversas simbologias e expressões linguísticas, que vão desde rituais dramáticos de iniciação que os retiram de sua linhagem e os integram a grandes guerreiros preparados para enfrentar qualquer inimigo.

Para os povos mumdambe de língua umbundu significa campo de iniciação desde o século XIX. E no moderno umbundu, relaciona a palavra ocilombo, ou seja, fluxo de sangue de um pênis recém-circuncidado. Utilizando-se ainda a expressão ulombo para designar o próprio sangue do prepúcio dos iniciados, os quais passam a ser usados como remédios em alguns rituais.

Esses rituais de passagens e circuncisão simboliza a força, a masculinidade de homens que estariam preparados para a vida adulta.

Casa de sementes Pai Xigano: um olhar para os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE

O quilombo africano, no seu processo de amadurecimento, tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação. A iniciação, além de conferir-lhes forças específicas e qualidades de grandes guerreiros, tinha a função de unificá-los e integrá-los ritualmente, tendo em vista que foram recrutados das linhagens estrangeiras ao grupo de origem. Como instituição centralizada, o quilombo era liderado por um guerreiro entre guerreiros, um chefe intransigente dentro da rigidez da disciplina militar (MUNANGA, 1995-1996, p. 63).

Dos povos imbangala, cuja raiz é umbundu-vangala essa expressão exalta “ser bravo” e/ou “vagar extensamente pelo território”.

No Brasil essa expressão ganha maior respaldo se aportuguesando o termo em que passamos a chamar como quilombo, dada a forte influência dos povos bantu trazidos da África e escravizados no Brasil.

Dessa imagem do Quilombo africano que o Brasil foi se firmando no processo de luta contra a escravatura, as dores e revoltas dessa população ora arrancada de seus territórios de origens foram estabelecendo as bases de organização, política, social, econômica e cultural, a qual, ao longo do tempo, foi se fortalecendo e se rebelando contra os seus opressores.

[...] o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. [...] (MUNANGA, 1995-1996, p. 63).

Ocorre assim no Brasil com forte influência das raízes africanas, a formação e a organização dos primeiros quilombos, nascendo pela relação de laços coletivos de pertencimento e luta de um povo escravizado se rebelando contra o seu opressor, o que estabeleceu as bases de um sentimento de pertencimento e a construção de sua identidade coletiva quilombola.

De todos os significados do quilombo, o mais recorrente é o que remete à idéia de nucleamento, de união, de associação solidária em relação a algo que está ou é considerado o que não é, o que está fora. A idéia de espacialidade funda-se imposta por uma fronteira construída a partir de um modelo específico de segregação, sugere a predominância de uma dimensão relacional, mais do que um tipo de atividade produtiva ou vinculação com a terra. Quer dizer, a terra, base geográfica, está posta como condição de fixação, mas não como condição

exclusiva para a existência do grupo. A terra é o que propicia condições de permanência, de continuidade das referências simbólicas importantes à consolidação do imaginário coletivo, e os grupos chegam por vezes a projetar nela sua existência, mas não tem com ela uma dependência exclusiva. [...] (LEITE, 1999, p. 137-138).

Claro que não poderíamos negar que é na relação com o território e a terra que são fortalecidas essas relações coletivas, reaparecendo como uma forma de se proteger e se rebelar contra os inimigos, mas também de se organiza fazendo da terra um lugar para pensar o grupo, suas expressões culturais, religiosas, artísticas, gastronômicas, bem como o cuidado com a terra e com a agricultura e o culto aos seus ancestrais, manifestam todo o cuidado desses indivíduos em manterem vivas suas tradições e memórias, sendo estas repassadas entre gerações.

[...] o deslocamento, o realocamento, a expulsão e a reocupação do espaço pelos grupos vêm reafirmar que, mais do que uma exclusiva dependência da terra, o quilombo faz da terra a metáfora para pensar o grupo e não o contrário [...]até porque o inimigo externo, caracterizado pelas invasões frequentes, sempre impôs, ao longo da história, a necessidade de uma defesa competente da área ocupada. Isto só começa a mudar com a Abolição, quando mudam-se os nomes e as táticas de expropriação, e a partir de então a situação dos grupos passa a operar através de outra dinâmica, a da territorialização étnica como modelo de convivência com os outros grupos na sociedade nacional. [...] (LEITE, 1999, p. 129).

No cotidiano dos quilombos, é visível a forte influência dos seus ancestrais, cujo conhecimento reflete basicamente na agricultura de subsistência, ou seja, dependem praticamente da terra para a sua sobrevivência, visto que é a partir dela que retiram sua alimentação e a de seus animais, os remédios do mato usados por muitos, até o próprio ritual religioso praticado depende da terra.

No território quilombola do Sítio Veiga, as sementes não são plantadas sob o jugo da agricultura científica globalizada, mas de acordo com o conhecimento absorvido através das gerações passadas, sendo o objetivo principal a alimentação para a manutenção das famílias e de seus animais. Desse modo, as diversas variedades de sementes crioulas são de extrema importância para a manutenção e a preservação dos quilombolas. Pensando nesse fortalecimento das sementes crioulas, os quilombolas construíram de forma coletiva uma casa de sementes mantida pelas famílias que ali residem, cujo nome foi atribuído ao fundador da comunidade, “Pai Xigano”.

O modo de ser e de viver das famílias quilombolas do Sítio Veiga é baseado nas relações de fortalecimento da identidade, dos trabalhos realizados de forma coletiva, das

histórias contadas nas debulhas de feijão e do respeito pela terra e pelos que dela dependem. Tais princípios são ignorados pelos que defendem a agricultura globalizada, que tem como escopo lucrar cada vez mais, passando por cima de tudo e de todos como um trator, que, ao pisar sobre a terra, vai destruindo tudo, ignorando as diversas formas de vida ali presentes, como descreve Santos (2012, p. 89):

Nas áreas onde essa agricultura científica globalizada se instala, verifica-se uma importante demanda de bens científicos (sementes, inseticidas, fertilizantes, corretivos) e também de assistência técnica. Os produtos são escolhidos segundo uma base mercantil, o que também implica uma estrita obediência aos mandamentos científicos e técnicos. São essas condições que regem os processos de plantação, colheita, armazenamento, empacotamento, transporte e comercialização, levando à introdução, aprofundamento e difusão de processos de racionalização que se contagiam mutuamente, propondo a instalação de sintetismo, que atravessa o território e a sociedade, levando, com a racionalização das práticas, a uma certa homogeneização.

Segundo Santos (2012), as formas de vivência de pequenas frações da sociedade não interessam aos membros dessa sociedade, sobretudo porque as frações aqui ressaltadas, os quilombolas, são tidas como as conhecidas minorias, não fazendo parte da hegemonia. Portanto, a forma segundo a qual os povos da floresta se organizam em seus territórios, seja social, cultural ou economicamente, é contrária aos preceitos dos que detêm o poder. Desse modo, os diversos conhecimentos tecnológicos citados acima são utilizados para desmontar as formas de vivência desses povos.

Nessa esteira, não se pode separar nem falar das sementes crioulas de modo desconectado do território, pois há uma profunda ligação, já que os produtos da natureza, como madeira e palha do coco-catulé retirados da terra, dependem amplamente desse espaço conhecido e firmado como território dos remanescentes de quilombolas do Sítio Veiga. Os animais de pequeno e médio porte são criados nos terrenos e alimentados com plantas nativas forrageiras, milho e feijão, também da terra, os quais são alimentados para engorda, servindo de alimentos para os que vierem participar dos festejos, tais como a famosa Dança de São Gonçalo, celebrando também a colheita das sementes crioulas.

A produção de alimentos é de suma importância para essas famílias, pois parte desta é utilizada na Dança de São Gonçalo para alimentar os que se fizerem presentes no dia do festejo. Cabe salientar que a dança é o carro-chefe do Quilombo Sítio Veiga até os

dias atuais, visto que é através dela que a comunidade se organiza e fortalece os laços de caráter ancestral que permanecem vivos no cotidiano das famílias quilombolas.

Dos grupos culturais que existiam antigamente no Sítio Veiga, o único que sobrevive e se mantém na atualidade é o grupo da Dança de São Gonçalo, que já tem mais de 100 anos que foi trazido para a comunidade pelo casal fundador, seu Chiquinho Ribeiro, o famoso Pai Xigano, e por sua esposa, Dona Maria Fernandes da Silva, conhecida como Mãe Veia. Essa tradição vem sendo passada de geração em geração até chegar aos dias atuais. Hoje ela é liderada por Seu Joaquim, que é reconhecido como Mestre de Cultura pela Secult-CE [Secretaria de Cultura do Estado do Ceará] (BEHR, 2007, p. 75).

Como mostra o autor supracitado, a Dança de São Gonçalo é de extrema relevância para a manutenção da vida das famílias do quilombo, havendo uma ligação direta com as sementes crioulas, pois as 12 jornadas que compõem o ritual são contadas com 12 sementes crioulas. Essas sementes participam de todo o ritual, juntamente com todo o grupo, daí a importância do território para a manutenção da vida social, política, cultural e econômica desses povos.

Na comunidade quilombola do Sítio Veiga, as sementes crioulas permanecem vivas e cultuadas de uma geração à outra. A memória de seus ancestrais estabelece essa atividade articulada a diversos aspectos que se complementam, por exemplo: a valorização e a luta pelo território e pela forma de organização das famílias que ali residem; a agricultura familiar; e a forte relação com a terra e com o meio ambiente. Esses legados deixados pelos ancestrais permanecem vivos como forma de resistência das famílias quilombolas do Sítio Veiga.

As sementes crioulas surgem como uma possibilidade de as comunidades tradicionais produzirem o seu próprio alimento sem tantos impactos negativos ao meio ambiente, resgata os saberes tradicionais e estabelecer um manejo baseado em práticas de preservação ambiental e sustentabilidade.

Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais (DIEGUES, 1999, p. 30).

Nesse contexto, a subsistência familiar não precisa se preocupar em comprar e comercializar as sementes de terceiros, haja vista que, com o cultivo de sementes

crioulas, é possível armazená-las de um ano para o outro sem a preocupação de que se estraguem, o que não ocorreria na prática de sementes comerciais, que são altamente perecíveis (TRINDADE, 2006).

Dito isso, o reconhecimento das comunidades tradicionais quilombolas e da sua relação com o meio ambiente, especialmente do cultivo com as sementes crioulas, fere os próprios princípios de lucratividade e de consumo exacerbado do modelo capitalista. Estabelece uma relação de manejo consciente, cujos ensinamentos repassados de uma geração à outra viabilizam a sustentabilidade ambiental, mantendo vivos os ensinamentos repassados por seus ancestrais.

Adiante seguem algumas falas que demonstram uma preocupação da Comunidade Sítio Veiga com as questões ambientais, bem como com a própria história e os ensinamentos dos seus antepassados, visto o fato de que as sementes crioulas aparecem nas comunidades tradicionais como uma forma de manter a tradição de repasse de conhecimento entre gerações, bem como uma forma de garantir a própria subsistência local. Institui uma relação de conexão com a natureza sem impactos ambientais, baseada no próprio alimento e na comercialização sem excessos, como afirmam:

A gente viu que a comunidade dependia muito da semente do governo e, para quebrar isso, começou a discutir a importância de ter semente saudável, resistente, as nossas próprias sementes. A do governo, além de vir envenenada, é uma semente sem resistência', depoimento da jovem do Veiga, Francisca Tainara Eugênio da Silva, de 18 anos, que integra o projeto da casa de sementes (O CANDEEIRO, 2016, p. 1).

Desde que me entendo no mundo, esse milho existe, meu pai já plantava dele. É do tempo da minha avó, que morreu com 99 anos, lembra o agricultor ao mostrar as sementes do lbra guardadas para o próximo plantio (O CANDEEIRO, 2016, p. 1).

Fortalecer a casa de sementes para a gente foi muito importante. Quando estava guardando as sementes, eu ouvia as pessoas dizerem: - Ah! Deste milho eu quero, lembra Ana (O CANDEEIRO, 2016, p. 1).

Portanto, considerando os princípios do desenvolvimento sustentável na perspectiva de uma intervenção consciente e ecologicamente correta, o manejo de sementes crioulas integra todos os aspectos para um desenvolvimento justo e

equilibrado sem uso de insumos industriais e químicos, contribuindo para a preservação ambiental e sociocultural das comunidades tradicionais.

Considerações finais

A relação de conhecimento do homem africano e dos povos quilombolas estabelece a referência à ancestralidade como campo dos saberes, da oralidade, do sobrenatural, dos rituais de passagem, da afirmação e da construção da identidade coletiva. Ou seja, um elo de conhecimento que se perpetua para as gerações subseqüentes, cuja base maior é deixar viva a tradição e o legado cultural desses povos.

Cabe destacar que a posse do território é de suma importância para esses povos, visto que estão neste solo sagrado há mais de um século, sendo neste solo que continuam a semear as diversas sementes crioulas, visando à manutenção de sua vida e dos que estão ao seu redor. É também uma forma de manter vivos e atuantes seus costumes e tradições, como a Dança de São Gonçalo, transmitidos com a simbologia das 12 sementes crioulas, que representa a vida, o conhecimento, a oralidade, que serão perpetuados pelas próximas gerações como continuidade da existência quilombola.

Assim, não há como negar que a luta e a resistência pela terra e o território das comunidades quilombolas se refletem como as condições de permanecer nesses espaços, como uma ferramenta de luta para a garantia de seus direitos e para manter vivas suas tradições e a memória de seus ancestrais, do direito de permanecer cultivando suas sementes crioulas.

Logo, é um dever da sociedade brasileira e do poder público reverem esse passado marcado pela violação de direitos, sendo essa uma marca da escravidão e dos estereótipos preconceituosos em torno da imagem dos negros e afrodescendentes, de sua cultura e dos ensinamentos de seus ancestrais. Essas violações têm suas raízes fincadas no passado escravocrata pelo qual a população negra foi obrigada a passar, como afirma a seguir o ativista e rapper americano Talibe Keli: “[...] nenhuma pessoa branca que vive hoje é responsável pela escravidão. Mas todos os brancos colhem os benefícios dela, assim como todos os negros que vivem têm as cicatrizes dela”.

Sendo assim, é preciso reeditar e legitimar a história quilombola, negada e camuflada ao longo dos processos históricos. Esses indivíduos foram marginalizados frente

à sociedade brasileira, dando poderes aos seus opressores e usurpadores ao longo da história.

O próprio entendimento da identidade quilombola é confuso na sociedade até hoje. As pessoas só os veem à margem daquele povo “escravizado”, como se não fizessem parte da sociedade, como aqueles que ficaram no passado, como se não fizessem parte do Brasil. A não compreensão dessa história fragiliza, muitas vezes, a luta desse povo, visto que suas reivindicações não são prioridades na agenda do governo e das políticas públicas; quando há alguma iniciativa, ocorre de forma pontual e/ou fragmentada.

É preciso reconstruir uma imagem positiva dessa história e desconstruir as visões ocidentais e eurocêntricas de uma cultura quilombola tachada como inferior e selvagem. Daí a importância de situar esses sujeitos como protagonistas de sua própria história e validar suas diásporas no mundo.

Faz-se *mister* realçar que foi exatamente pelos laços coletivos instituídos no quilombo que a memória e a cultura dos africanos se mantiveram vivas. Pode-se observar isso nos laços de amizades e pertencimentos desse povo, revelados em suas expressões culturais, religiosas, artísticas, gastronômicas, bem como no cuidado com a terra e com a agricultura e no culto aos seus ancestrais, sendo estas repassadas entre gerações.

Diante do exposto, fica a relevância das sementes crioulas nessa relação de ancestralidade estabelecendo um elo capaz de germinar o solo e a vida, investem no presente e se preocupam com as próximas gerações, unindo as diversas ancestralidades e seus guardiões em rituais de troca de conhecimentos, de resgate de memórias passadas e suas sabedorias em torno das sementes, de rituais sagrados, de festejos celebrando a colheita, como a Festa de São Gonçalo. Essa relação chama a atenção para o cuidado com a terra e com o meio ambiente, trazendo a possibilidade de uma alimentação saudável para o corpo, livre de venenos e de agrotóxicos, e deixando principalmente o legado da preservação da identidade sociocultural quilombola, o que também se reflete na preservação e na sustentabilidade ambiental.

Referências

ALVES, Sandra Aparecida; MARQUES, Gilliard Pedro; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. A produção de sementes de variedades crioulas e a construção da autonomia camponesa no Movimento Camponês Popular – MCP – no Brasil. In: EGAL, 14., 2013, Peru. **Anales...** Lima: Egal, 2013. p.3

BEHR, Miguel von. **Quixadá: terra dos monólitos**. São José dos Campos: Somos, 2007, p.75.

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli *et al.* Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, DF, v. 31, p. 99-118, 2014.

BRASIL. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 dez. 2012.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana *et al.* Saber tradicional, ciência e biodiversidade. In: _____. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. São Paulo: USP, 1999, p. 30.

DOMINGOS, Luís Tomás. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, 2011, v. 3, n. 9, p. 3-9.

_____. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afrodescendente**. São Leopoldo: EST, 2017.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. p. 31-52.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 123-150, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 56-63, 1995/96.

O CANDEEIRO. Casas de Sementes Pai Xigano: autonomia e liderança negra no semiárido. **Boletim Informativo do Programa uma Terra e Duas Águas**, Quixadá, Ceará, 2016, p. 1.

RIBEIRO, Sílvia. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.). **Sementes, patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 51-72.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia do saber. **Novos estudos Cebrap**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 89.

TRINDADE, Carina Carreira. Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais. In: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 15., 2006, Manaus. **Anais...** Manaus: Conpedi, 2006. p. 1-15.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. p. 139-166.

Notas

- ⁱ É uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974, no município de Fortaleza-CE. A organização atua diretamente em municípios do semiárido cearense, desenvolvendo atividades para a agroecologia e para a agricultura familiar.
- ⁱⁱ Aqui *Bazimus* são os espíritos que explicam o destino do homem e sua relação com o meio ambiente, com Deus e com o universo como um todo. Detêm os espíritos parte de uma força (menor) concedida por Deus (força maior), capaz de levar o homem a se conectar com o meio ambiente e com o universo como um todo. Assim, cabe ao homem respeitar e estabelecer uma relação de equilíbrio com o meio ambiente de um modo global, posto que qualquer desequilíbrio nessa relação poderá repercutir na sua própria destruição e na do universo que o cerca (DOMINGOS, 2011).
- ⁱⁱⁱ Nas línguas bantas africanas: “*munthu*” significa homem, ser humano: composto por “*nthu*” (força vital). Faz referência ao homem em seu processo de estágio de desenvolvimento integral para tornar-se um ser humano mais evoluído. Estabelece uma relação de luta contra o seu enfraquecimento para o desenvolvimento de sua força vital e conseqüentemente evolução do ser humano, incontestável e dinamicamente ligada à natureza (DOMINGOS, 2011).

Sobre os autores

Fernanda Ielpo da Cunha

Mestranda em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Possui Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2000). Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2006). Especialização em Gerontologia pela Faculdade Ateneu - FATE (2013). Tem experiência na área de políticas públicas, com ênfase na assistência social e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: violência, velhice, gênero, educação ambiental e Relações Étnico-Raciais. E-mail: ferielpo@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4429-5555>

José Gerardo Vasconcelos

Pós-doutor em História da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-

Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq de História e Memória da Educação, NHIME.

E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0559-2642>

Ana Maria Eugênio da Silva

Mestranda em Humanidades e graduanda em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB. Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (2018), Brasil.

E-mail: anaeugenio.v@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6121-7882>

Recebido em: 01/06/2019

Aceito para publicação em: 25/06/2019